

A ESCOLA PRIMARIA

Revista de Educação

SUMMARIO

<i>Red.</i>	Uma bella iniciativa
<i>Costa Sena</i>	Palavras inaugurais (discurso)
<i>Olavo Bilac</i>	O escotismo
.....	A Casa do Professor
<i>Red.</i>	A Superintendencia Geral de Educação e Higiene Escolar em 1936
<i>Albet E. Wiggam</i>	Os Retardados
<i>Pedro A. Pinto</i>	Lingua Materna.
<i>Yolanda Rovigati</i>	Noções rudimentares de ciências chama- das naturaes.

Redacção e Administração

Rua Sete de Setembro, 74

BN
I 233-
1 20

RIO DE JANEIRO

BRASIL

d'A Escola Primaria

Forma um volume de perto de 300 paginas. Conferencias pedagogicas. Artigos doutrinaes. Interessantes trabalhos sobre a Escola Activa. Lições e exercicios praticos que constituem excellentegua para o professor.

PREÇO } encadernada :..... 16\$000
 } em avulsos 12\$000

Dirigir os pedidos á Redacção
 d'A "ESCOLA PRIMARIA"

Rua 7 de Setembro, 174

RIO DE JANEIRO

EM

CAMBUQUIRA

Procurai

"ELITE HOTEL"

O QUE MAIS CONFORTO OFFERECE AOS SENHORES VERANISTAS — O MELHOR DE
 TODAS AS ESTANCIAS HYDRO-MINERAES DO BRASIL

Rivalisa com os mais modernos hotéis do Rio de Janeiro

Apartamentos luxuosos, amplamente ventilados e dotados de installações
 electricas, agua corrente, etc.

Em todas as peças do edificio predominam a
 elegancia e o bom gosto

As diarias vão de 15 a 20\$000, conforme os dormitórios. Os professores gozarão, a pedido da
 direcção desta revista, de uma redução de 10% quando acompanhados de familia.

Para mais informações dirigir-se ao proprietario

JULIO DE ANDRADE LEMOS

OU A ESTA REDACÇÃO

A ESCOLA PRIMARIA

— REVISTA MENSAL —

Director: ALFREDO C. DE F. ALVIM
 Superintendente de Ensino Particular
 REDACÇÃO: RUA SETE DE SETEMBRO, 174
 RIO DE JANEIRO

ASSIGNATURAS :

Para o Brasil } um anno..... 12\$000
 } 6 mezes..... 6\$000

SUMMARIO

Red.	Uma bella iniciativa	Albert E. Wiggam	Os Retardados
Costa Sena.....	Palavras inaugurais (discurso)	Pedro A. Pinto.....	Lingua Materna
Olavo Bilac	O Escotismo	Yolanda Rovigati.....	Noções rudimentares de ciencias chamadas naturais
Red.	A Casa do Professor		
	A Superintendencia Geral de Edu- cação e Higiene Escolar em 1936		

Uma bella iniciativa

*E' daquellas cujo louvor não po-
 de ser nem de leve discutido ou rega-
 teado a iniciativa do curso de piscicul-
 tura e conhecimentos correlatos, em
 boa hora inaugurado sob os auspicios
 do Director de Educação, nosso preza-
 do collega Snr. Costa Sena, que é sem
 lisonja um dos mais formosos elemen-
 tos da classe dos superintendentes de
 Educação.*

*Nossas vastissimas costas, nossas
 aguas repletas de pescado das mais
 variadas especies e uma velha vocação
 racial estão claramente chamando para
 o mar grande parte da população do
 Brasil. A que hoje se entrega aos
 arduos misteres da pesca é já conside-
 ravel e, na sua modestia innata, repo-
 sitorio de glorias tradicionaes, sempre
 renovadas. Havemos, porém, de di-
 vulgar o gosto pela vida maritima e
 crear no povo em geral a paixão do
 oceano, que tem de ser o nosso cam-*

*po, por excellencia, de actividade pro-
 ductiva, como é tambem o logar pri-
 macial em que a bravura de nossos
 irmãos se terá algum dia de exhibir
 em defesa de nossa soberania. Tudo
 indica ao brasileiro o caminho glorio-
 so do mar e tudo que fizermos para
 aproximá-lo mais desta sua finalidade
 será um serviço para o futuro da na-
 ção.*

*Ora, nenhum meio tão efficaç co-
 mo a escola primaria, que plasma des-
 de cedo o espirito e o caracter do cida-
 dão, para propagar e animar a sympa-
 thia por esse elemento essencial de
 nossa vida economica, que é ao mesmo
 tempo um elemento de segurança.*

*Bem haja pois o snr. Director de
 Educação, pela sua feliz iniciativa e
 decidido apoio que deu, neste primeiro
 anno de curso, aos estudos que hão de
 approximar do oceano e de suas activi-
 dades muitos milhares de brasileiros.*

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção: Rua Sete de Setembro, 174

PALAVRAS INAUGURAIS

(Oração proferida pelo Dr. Costa Sena ao inaugurar a exposição de trabalhos cívicos dos alunos das escolas e institutos municipais — promovida pela Secção PAZ PELA ESCOLA, do Instituto de Pesquisas Educacionais)

Srs. professores.

Si ha demonstração que, pela nobreza de intuitos e pelos fins elevados a que aponta, fale a todos por si mesma, é esta exposição de trabalhos cívicos de crianças.

Quem não a sentisse seria um surdo de mente, quem não a interpretasse seria um ausente moral; duplamente infeliz: por não compreender a linguagem infantil, a mais comunicativa de todas as vozes, por não sentir em si os rebates do civismo, uma das mais puras emoções filiais.

Mas vós, que aqui acorrestes e que dialogais continuamente com os vossos alunos, não só os compreendeis á maravilha, como presentis, com admirável sensibilidade, o que eles mal exprimem, no indefinido de suas ideas mal esboçadas e embrionarias.

Nesse capítulo, só temos que aprender com vós e certo lucrariamos, nós, homens, si pudessemos trocar as deficiencias do raciocinio logico pela subtilidade de intuição feminina, na compreensão das crianças.

Eis ai provada a desnecessidade do interprete.

Mas D. Alba Nascimento, minha distinta colega, entendeu, com o calor de persuasão que põe nas causas que abraça, que algumas palavras, ditas aqui por mim, encareceriam a significação desta cerimonia.

Ha imposições por si irresistiveis: são as que se encontram com os nossos desejos latentes. E esta era uma delas, pois desde que ascendi ao posto, que ora ocupo, tomei comigo mesmo o compromisso de atrair a atenção dos que me ouvissem, principalmente a vossa, para o estudo de coisas, tão dignas de reparo, e merecedoras de vosso favor.

Assim nos desferraremos do passado, em que o Brasil se viu envolvido propositadamente por um veu de obscuridade forçada.

A principio por força de dominação alheia, depois por culpa nossa.

Em 1711, o visitador jesuita João Antonio Andreoni publicava, sob o anagrama de Antonil, um livro, a muitos titulos curioso, denominado *Cultura e Opulencia do Brasil por suas drogas e minas*.

Era um repositório precioso, pelos multiplos informes que encerrava, sobre a terra

mal desbravada.

Toda e edição foi confiscada e queimada, salvando-se apenas alguns poucos exemplares, que constituem hoje raridade bibliografica.

Havia uma razão grande para o auto da fé: revelar ao estrangeiro o valor da terra descrita, seus recursos e possibilidades, acendendo-lhe a cobiça.

Outra maior ainda: tornar patente ao brasileiro o que já se produzia no paiz e quanto poderia prosperar si o impulsassem com energia.

Dai por diante, salvo raras exceções, só se preocupavam realmente com as nossas riquezas viajantes estrangeiros, que aqui aportaram em missão científica ou que aqui chegavam á cata de pitoresco.

Ainda depois de nossa independencia e muitas decadas após continuou a nossa classe culta, a dirigente, a viver mentalmente nas capitais europeas, desaclimadas.

De lá nos vinham figurines de indumentaria e figurinos politicos, costumes e instituições, escolas literarias e jornalismo, tudo.

A admiração variava de paizes, mas nunca chegava a vez do nosso.

Era explicavel o fenomeno, pela tendencia, propria de infancia, de admirar os adultos, de copiar-lhes os modos, no proposito de apressar os anos, como si o tempo não fosse veloz...

Mas essa quadra tinha que passar — passou.

Veiu-nos, com a idade, a ponderação e percebemos então, com os albores do juizo e num confronto facil, que o quinhão que nos tocara não era inferior aos outros paizes, antes a muitos se avantajava em beleza e opulencia.

Começamos a entrar na posse de nós mesmos, não liricamente apenas, mas pela admiração consciente, pelo trabalho transformador, pela energia produtiva. Eu não vos quero falar aqui de nossa riqueza material que, apesar de todos os precalços, dia a dia se avoluma.

Não vos quero entreter tampouco sobre a importancia de certos produtos nossos, cuja exportação cresce aos saltos, descreven-

do o que se chama, em estatística, verdadeiras curvas de girafa.

Mas quem quer que atente um pouco no desenvolvimento de nossa publicidade tem que se admirar por certo de enorme floração de estudos e ensaios sobre homens e coisas nossas que se desata neste momento em todos os angulos do Brasil.

E' indice seguro de renovação mental, de identificação ao meio, de formação de nosso ambiente moral.

Valorizamo-nos.

Livros de assuntos economicos; reminiscencias historicas; biografias, romanceadas ou não; estudos sociologicos de porte, monografias científicas, resultantes de pesquisas técnicas, tudo nos está á indicar que volvemos, enfim, para o que nos circunda o olhar e a atenção até ha pouco desviados para outras paragens.

E, por um fenomeno paralelo, á medida que nos estudamos, nos reabilitamos perante nós mesmos.

O mau veso, tido como elegante, de de-tratar systematicamente o que é nosso, vai desaparecendo.

Melhoramos, ganhando em optimismo.

Si a base de sabedoria individual é o — *conhece-te a ti mesmo* — da velha filosofia grega, acertaremos, transplantando o *nosce te ipsum* para a esfera coletiva.

Só assim teremos consciencia nacional.

A vastidão de nosso territorio, a nossa desmarcada base fisica, na expressão de Oliveira Viana, tem dificultado a nossa revelação.

Mas ela se vai fazendo aos poucos pelo conhecimento, que é aproximação espiritual, que se transforma em estima, que se faz solidariedade.

Só se ama duradouramente o que se conhece na perfeição.

O mais é capricho, artificio, surpresa, instabilidade.

E Patria é duração, é sentimento de continuidade, vontade de sobreviver, é perennidade na successão.

Amar a Patria é conhece-la em todos os seus atributos, admira-la nas vicissitudes do passado, compreende-la nas realidades, nem sempre amáveis, do presente, transformando-as em magnificencias do futuro.

Bem o compreendeu a Liga de Defesa Nacional, cidadela de virtudes cívicas, escolhendo para tema desse certame patriótico de nossas escolas — Conhecer o Brasil é ama-lo.

Não é ele motivo ocasional, mas lema permanente, que deve ser reproduzido periodicamente, como distico da nacionalidade, para que todos se penetrem de sua intensa verdade.

Está inaugurada a exposição.

— O Escotismo —

Recente decreto federal tornou obrigatorios o ensino e a pratica do escotismo nas escolas primarias e secundarias de todo o territorio brasileiro.

A «A ESCOLA PRIMARIA», congratulando-se com o magisterio nacional por tão esplendida victoria, passa, hoje, para suas colunas, um trecho da conferencia que Olavo Bilac realizou, em Bello Horizonte, ha vinte annos passados:

«A escola dos escoteiros, uma das células primarias do organismo da educação cívica e da defesa nacional, tem um objectivo que se resume em breves linhas.

E' a educação completa dos adolescentes. O escoteiro, desde que se inicia no tirocinio, anda, corre, salta, nada, monta a cavallo, luta, defende-se, maneja armas; mantem-se num constante cuidado do asseio do corpo e da alma; afasta-se da pra-

tica de todos os vicios; adquire noções de physica, chimica, botanica, zoologia, anatomia, geographia, topographia, astronomia; orienta-se pelo sol, pela posição das estrellas, pelo relógio, pela bussola; manuseia o thermometro e o barometro; mede o caminho que percorre; estuda os mappas; sabe accender o fogo e cozinhar; faz acampamento, recebe e transmite communições pelos telegraphos Morse e Marconi,

por meio de luzes, de signaes por bandeiras e pelos gestos dos braços; instinctivamente aprende tactica e estrategia; pode effizamente socorrer feridos e victimas de quaesquer desastres; alimenta e desenvolve os seus nobres sentimentos; abomina a mentira; reputa sagrada a sua palavra de honra; é disciplinado e obediente; é cortez, considera como irmãos os seus companheiros; ampara as mulheres, os velhos, os enfermos, oppõe-se á crueldade sobre os animaes; é economico, mas condemna a avareza: respeitando a propria dignidade, respeita a dignidade alheia; é alegre; esforça-se por dizer claramente o que sente e exatamente descrever o que vê; pensa, raciocina, deduz; e, enfim conhece a historia e as leis do paiz; é patriota, e estimula a sua iniciativa.

Basta isto, para que se veja que, no escotismo, se incluye todo ensino da infancia e da adolescencia, como o comprehendia Platão, dizendo: «a educação tem por fim dar ao corpo e ao espirito a belleza e toda a perfeição, de que elles são susceptiveis», e como o concebia Spencer, professando: «a educação é a preparação para a vida completa». Esta admiravel escola ao ar livre abrange todos os pontos, que se contém no programa da moderna pedagogia. Primeiro, a instrução physica: a conservação ou restabelecimento da saúde, pela hygiene e pela medicina, e o desenvolvimento normal e progressivo de todas as funções de corpo, pela gymnastica e pelos jogos escolares.

Depois, a instrução intellectual: o amestramento dos cinco sentidos, a percepção externa e a interna, a cognição e a experiencia; a consciencia, a personalidade, e a liberdade; a faculdade de conservação—a memoria; e as faculdades de elaboração—a attenção, a abstracção, a generalização, juizo, o raciocínio, e a imaginação. Enfim, a instrução moral; a sensibilidade, e a sua cultura; o amor proprio, o amor e o respeito da propriedade, do livre arbitrio, da independencia, da emulação; o altruismo, a benevolencia, a beneficencia a amizade, a docilidade; o amor da patria, do bello e do bem; o brio, a coragem, a disciplina; e a cultura da vontade, e a formação do character. E este curso completo de adestramento é feito no seio da natureza, na alegria da vida desportiva, pelo gosto proprio, pela pratica, pela lição das cousas.

O escotismo forma homens e, ainda mais, heróes. E' a heroicultura, em cada escoteiro, no ultimo gráu da iniciação, existe um «agenor», no sentido do vocabulo grego: homem de coração.

Ha pouco tempo, em São Paulo, um educador, o Sr. João Kopke, numa conferencia, lembrou que os antigos gregos davam aos ephebos, «sem ensino especial de civismo, meios de cultura propria, apenas por um programma limitado, entre os sete e os dezoito annos, formando uma bôa e bella forma de homem, com a sua intelligencia, os seus sentimentos e o seu corpo treinados.

Não era aquelle ensino da ephebia o mesmo ensino que hoje damos aos escoteiros? Mais ainda: o juramento do escoteiro no primeiro gráu da iniciação, e os doze artigos do codigo do escotismo são uma reproducção approximada da affirmacção, que os ephebos espartanos e athenienses prestavam, quando, perante os magistrados, recebiam a lança e o escudo: «Nunca aviltarei estas armas, nem abandonarei meu companheiro na fileira; combatarei pela defesa dos templos e da propriedade; respeitarei as leis; e transmitirei a minha terra propria, não só não menor, porém maior e melhor do que me foi transmitida».

Mas o juramento e o codigo do escoteiro têm mais larga e mais bella significação do que a formula dos ephebos. A moral e o governo de Esparta e de Athenas tinham estreiteza e secura de egoismo.

Si quizerdes dar ascendencia legitima e fóros e brazões de alta nobreza á moderna criação do escotismo, deveremos radical-o na tradicção medieval da Cavallaria Andante. O grande impeto de desapego, de liberdade, de coragem e de altruismo, que dispersou os cavalleiros andantes pelo mundo, foi o mais bello serviço da idade média. Os abusos da cavallaria não a mataram. Os exageros de uma virtude mattam-se a si mesmos; e deixam viva e inalteravel a força de alma que foi exaggerada. Tambem, sobre o curso dos rios as cidades despejam todos os dejectos da sua vida; a agua, turvada e infamada, aceita com resignação a affronta; mas, em breve, libertada do contacto dos centros populosos, na sua incessante agitação, torvelinhando sobre o leito de pedra e musgos, expurgando-se com o banho do ar livre, abluindo-se em si mesma, é d'ahi a

pouco a mesma lympha immaculada, reproduzindo a clareza e a virgindade da nascente. Assim, o sentimento de honra que inspirava os paladinos. Que era aquella instituição? Uma exaltação da alma, que a impellia para a gloria, para a justiça, e para o desinteresse: os heróes errantes eram bravos e prodigos, destemidos e puros: respeitavam e protegiam os fracos, defendiam ao viuvos e os orphãos, subjugavam a tiranya insolente, veneravam a mulher e davam ao amor um culto religioso... Morreram os abusos, mas a essencia sublime ficou... Enquanto houver brio e bondade no munda, sempre haverá cavalleiros andantes.

No escotismo — e é esta a sua maior e mais verdadeira belleza — a exaltação reveste-se de um distinctivo pratico, sem perder a sua poesia sublime. Na Cavallaria, ás vezes, a idéa de honra era vaga: a da generosidade, indecisa: a da abnegação, indeterminada: ás vezes, era o sacrificio perdido, a bravura sem proveito, a dedicacção inutil. No escotismo, a idéa da honra define-se: é a honra do individuo, e a honra do cidadão: e o desinteresse e a magnanimidade não são apenas gestos formosos: são acções justas e uteis, — justas para a perfeição humana, e uteis para a grandeza da Patria.

Tal é, em suas linhas fundamentaes, a criação do escotismo. A vós, meus companheiros de trabalho literario, cumpre a tarefa da propaganda, da organização e da direcção em Minas, da nova heroicultura, filha de Baden Powell.

Esta educação de alta poesia deve ser agitada e defendida por poetas.

Diz-se que o Brazil é uma terra de poetas. E isto é dito, ás vezes, com um desdenhoso franzir de labios e um ultrajoso dar de hombros... Aceitemos com prazer a affronta da ironia! Seja ella o nosso orgulho. Sim! Somos e queremos ser um povo de poetas! Antes poetas, que desanimadas machinas humanas; antes poetas, que intercsseiros traficantes; antes passaros leves, ávidos de luz, tontos de sons e de perfumes, contentes de liberdade, insaciaveis de espaço e de brilho, que bácoros lerdos e lambazes, amigos do lambeiro gordo, satisfeitos do gozo material! E que ha, no mundo, de nobre, de grande, de digno, de formoso, que não seja poesia? A vida, em si, é poesia; Carlyle disse que a vida humana é um mila-

gre: nós tocamos o céu, quando tocamos um corpo humano; e milagre, poesia divina, é a circulação do sangue, o mecanismo secreto do systema nervoso, a vida psychica, que infinitamente multiplica em idéas cada sensação dos nossos sentidos rudimentares. E a sciencia, todas as sciencias, desde a physica, descobridora das maravilhas do movimento e da luz, até a mathematica, mãe de numeros e de abstracções, são poesia. Poesia é a philosophia, mecanica celeste do universo dos seres, dos principios e das causas, geometria e musica das formas e dos rythmos do pensamento...

O trabalho, deus criador; a agricultura, mestra amavel, que transforma arneiros estereis em paraísos de promissão; a industria, feiticeira engenhosa, transformadora das materias brutas em instrumentos da fartura e da felicidade; o commercio, o medianeiro providente, que criou a navegação, inventou os transportes, e machinou a civilização, — são poesia. Poesia é a politica, quando, em vez de ser uma profissão de trampolineiros, é a arte e a sciencia de dirigir legiões de heroes, em vez de pastorear manadas de escravos. Tudo é poesia! Só não é poesia a preguiça moral, a mesquinha de alma, a falta de coração dos que duvidam da crença dos outros, porque, indignos de viver, são incapazes de crer...

Sejamos um povo de poetas! E criemos gerações de poetas!

Tomae a peito a causa do escotismo. E lembrae sempre que o escotismo sobre ser uma escola de força, de destreza, e de patriotismo, é, principalmente, uma escola de honra. Diz um brocardo, numa expressão graciosa, que *o homem é filho da creança*: o que quer dizer que na alma da creança devem ser regadas as boas acções, que florescerão na mocidade e frutificarão na edade madura. A idéa da honra, abstracção sagrada, incluye em si muitas idéas: a da fidelidade, a do valor, a da equidade, a da responsabilidade, a do pundonor, a da indulgencia, a da confiança, a da firmeza de character. A honra é toda a dignidade, toda a personalidade moral. Dando a um menino, depois da força e da intelligencia, a honra, — esse menino será um homem perfeito. E uma patria só pode ser nobre e inabalavel quando a grande maioria de seus filhos é de homens verdadeiramente honrados, |

honrados no lar e na vida publica, honrados como dirigidos e como dirigentes. Se, com o nosso trabalho, depois da nossa morte, deixarmos gerações de homens perfeitos, esses serão os nossos melhores versos, as nossas melhores paginas da historia, de ficção ou de philosophia. Que valemos nós, pelo nosso trabalho literario? Em dois annos, ou em dois seculos os mais fortes livros desfazem-se em pó, e os maiores nomes dissipam-se em nevoa. . . Mas, valemos muito pelo que trabalhamos para o pensamento e o affecto dos nossos filhos. Da caudal da vida somos apenas ondas anonymas, ou gotas de agua, ou, menos ainda: flócos de espuma. Nada sabemos do mysterio da nascente, nem do mysterio da fóz. . . Aparecemos, corremos, murmuramos, brilhámos, vivemos e morremos. Baste-nos isto. . . Abençoada seja a vida! Ao menos, um dia, um minuto, um instante, fomos uma parcella, um raio de luz. um pouco da afirmação e da consciencia da maravilhosa torrente. Abençoada seja a vida, porque ella nos deu o pensamento e o amor: pensar é um supremo orgulho, e amar uma incomparavel ventura. Abençoados sejam os nossos maiores, que nos deram esta patria livre e formosa! E abençoados seremos, se aos nossos successores entregarmos augmentada a herança: esta liberdade fortalecida em disciplina e esta formosura accrescida em gloria!»

A CASA DO PROFESSOR

Publicamos, hoje em nossas paginas, os officios trocados entre o illustre Director do Departamento de Educação, Dr. Costa Sena, e a presidente da Associação dos Professores Primarios, D. Maria do Carmo V. P. Neves.

Por essa importante correspondencia fica o magisterio nacional ciente de que a idéa da construção da «Casa do Professor», está francamente vitoriosa, em vias de realização pratica.

Eis os officios:

Cumpre-me o agradável dever de comunicar-vos que, em sessão do Conselho Deliberativo da Associação dos Professores Primarios do Distrito Federal, ontem realizada, foi aprovada, unanimemente, a seguinte indicação apresentada pelo Superintendente de Ensino Particular, Dr. Alfredo Cesario de Faria Alvim, com emendas aditivas:

“1.º — Propomos seja constituída uma Comissão de seis membros, dos quais tres serão designados pelo Departamento de Educação e os outros tres eleitos pelo Conselho Deliberativo da Associação dos Professores Primarios com poderes para:

a) indicar o local em que deverá ser levantado o edificio principal da Casa do Professor;

b) tratar o preço do terreno;

c) estabelecer as bases do concurso, entre arquitetos brasileiros, para organização do projeto do edificio;

d) contratar a construção do edificio e estabelecer a forma de pagamento;

e) resolver sobre a instalação, em breve tempo, ainda que em predio alugado, do Preventorio para professores cansados ou enfraquecidos, não afetados de molestia contagiosa, utilizando-se, para esse fim, do auxilio de 15:000\$000 constante do orçamento votado para o ano de 1937, pela Camara Municipal.

2.º — A Associação dos Professores Primarios solicitará a colaboração das principais associações de professores desta cidade para a resolução definitiva quanto á escolha do local da “Casa do Professor” e o projeto de construção da mesma.

O resultado desse trabalho de cooperação será submetido á aprovação do Conselho Deliberativo da Associação dos Professores Primarios.”

Congratulando-me convosco no momento em que se torna mais objetiva a idéa da construção da “Casa do Professor”, que muito deverá ao prestigioso apoio emprestado a esta Associação pela

Secretaria de Educação e Cultura, representada, principalmente, pelo Departamento de Educação, espero que aceiteis, com simpatia, a indicação aprovada e delibereis, com brevidade, no sentido da escolha dos tres representantes do Departamento de Educação.

Aproveito-me da oportunidade para reiterar-vos os protestos de elevado apreço e sincera admiração. — Maria do Carmo Vidigal Pereira das Neves, Presidente.

Sra. Presidente:

Acuso o recebimento de vosso officio, datado de 12 do corrente, comunicando ter sido aprovada uma indicação do Sr. Superintendente do Ensino Particular, Dr. Alfredo Cesario de Faria Alvim, concernente á “Casa do Professor”.

Fico muito penhorado a essa Associação pela faculdade que me atribue de integrar a comissão executiva desse tentamen com a designação de tres membros por parte do Departamento de Educação.

Devo dizer, no entanto, que só acho exequível a realização da obra com a organização de uma nova entidade representativa de todas as associações já existentes, e que congregue, no minimo, 2.500 socios. Para isso julgo indispensavel que as atuais associações de classe, pondo de parte a precedencia da idéa e a maior ou menor participação nos trabalhos já executados, se fundam em uma só corporação, com autoridade bastante para falar em nome de todo o magisterio publico e particular, sem divergencia.

Esse apelo eu o faço a esta e farei a outras associações, e estou certo de que assim se tornará realidade a fundação da “Casa do Professor”, para a qual já tenho a simpatia da alta administração municipal.

Aproveitando o ensejo, convido essa associação a comparecer á exposição de ante-projetos que será feita dentro de alguns dias, e por eles verificar que se trata de obra de grande vulto, a exigir a cooperação de todos.

Com os protestos de alta estima e consideração, subscrevo-me,

José Candido da Costa Sena, Diretor.

Rio de Janeiro, 29 de novembro de 1936.

Sr. Diretor do Departamento de Educação:

Temos a honra de acusar o recebimento do vosso officio de 23 do corrente, resposta ao que vos haviamos enviado a 12 desse mês, concernente á “Casa do Professor”.

Congratulamo-nos convosco pela idéa de congraçamento que ele reflete e que vem comungar, de intimo, com o pensamento de solidariedade de classe que sempre inspirou esta associação.

Com efeito, na “Casa do Professor”, materia estatutaria desta sociedade desde sua fundação, mantida e ampliada nas duas reformas dos seus estatutos, continuamente aqui se appreciou, além do instituto de assistencia que ela representa, uma grande obra de aproximação, mutuo conhecimento e confraternidade dos professores brasileiros.

Embora figure em seus estatutos, desde fevereiro de 1930, a idéa da construção da “Casa do Professor”, esta associação jamais pleiteou precedencia na sua concepção, porquanto ela exprime uma dessas aspirações coletivas em que se torna mui difficil conhecer o dono da idéa e em que, por interesse da realização imediata e pacifica da obra, não se devem perder tempo e serenidade com esse desnecessario inquerito.

Na visão larga do empreendimento e na sua constante elevação de propositos, a Associação dos Professores Primarios nunca pensou em realizar obra de um para um, tendo manifestado, publicamente, o seu pensamento, na exortação dirigida ao magisterio municipal em 1935, de que transcrevemos os seguintes periodos:

“Velha aspiração de classe e assunto de cogitações continuas da Associação dos Professores Primarios, a “Casa do Professor” não será, certamente, uma obra de carater particularista.

Na sua atividade objetivadora, desse plano magnifico, a Associação dos Professores Primarios não se restringe ao pensamento do seu presidente, da sua diretoria, do seu conselho deliberativo ou, ainda, do seu quadro social; desdobra-se e amplia-se, para melhor recolher e realizar,

o que sente e pensa toda a classe de professores primarios.

Construida que seja por esta Associação, a "Casa do Professor" não poderá constituir, por certo, o fruto de uma ação individualizada, mas a resultante de um extenso trabalho coletivo; nem poderá ser, indubitavelmente, realização de uma unica entidade associativa, mas obra inspirada e concretizada por um dilatado espirito de solidariedade profissional; não refletirá, em suma, apenas a idéa triunfante da Associação dos Professores Primarios, mas o devotamento de uma intima colaboração, conjugada e integral, de todos os educadores cariocas.

Assim, sem favor, suas portas deverão abrir-se a todo o professor primario, publico ou particular, que tiver precisão da sua assistência; e o seu teto poderá acolher, no mesmo proposito de confraternização, os varios nucleos associativos, de natureza educacional, já existentes nesta cidade.

O magisterio primario, que se desconhece a si mesmo e tambem desconhece os seus recursos imanes, que vive separado e segmentado, que sofre, enfraquecido por essa desunião esterilizante, encontrará na "Casa do Professor", fonte viva e fecunda de aproximação e solidariedade, a força necessaria ao soluçionamento dos seus proprios problemas, economicos, fisicos, morais e culturais."

Outra materia constante do vosso officio, a fusão das diversas entidades associativas de professores primarios existentes nesta capital, ela sempre animou os sentimentos desta Casa e de continuo foi assunto dos seus trabalhos o engrajamento dessa classe de educadores.

Atuando neste sentido, em 1934, os elementos mais prestigiosos desta associação providenciaram para que ingresassem no Conselho Deliberativo da Associação dos Professores Primarios figuras de relêvo e responsabilidade em outras sociedades congeneres, as quais, logo após, foram eleitas, nas pessoas dos presidentes da Liga de Professores e da Sociedade Carioca de Educação, para os

cargos de 1.º e 2.º vice-presidentes desta Casa. A 6 de maio do mesmo ano, comemorando esse movimento de solidariedade e aproximação que se fazia tão promissor, realizou-se em Paineiras, promovido por esta Associação, um almoço festivo, no qual se reafirmaram os nossos sentimentos de confraternidade profissional.

Em principios do ano corrente endeçamos, ás mesmas sociedades e a outras posteriormente criadas, uma expressiva moção de congraçamento, onde se inscreveram esses mesmos sentimentos, assim manifestados:

"Nunca é demais pensar-se no congraçamento da classe dos educadores numa grande associação capaz de uni-los sob uma bandeira de paz e confraternização construtiva."

E logo depois, dirigindo-nos á ilustrada presidente do Directorio Politico das Professoras Primarias, desta maneira nos expressámos:

"Bem sabeis que a classe que se fragmenta, não constitue força. E o magisterio continuará a sofrer as consequencias dessa desunião esterilizante, se nos continuarmos a sacrificar, divididos em correntes, deixando que passe a mocidade, sem nada construir de solido para a velhice.

Unano-mos, pois, e, juntos trabalhem sob a bandeira da "Casa do professor", que ha de sagrar a nossa confraternização construtiva.

E' um apelo que fazemos ao vosso coração de mulher, ao vosso espirito de educadora, á vossa intelligencia luminosa, num movimento de entusiasmo e de serenidade de pensamentos, tudo esperando do vosso idealismo, da vossa crença, numa visão clara do destino feliz que resultará para o professorado da sua verdadeira união."

Essa é a idéa que nos tem animado e que ha de ter, sem duvida, sua hora viva de triunfo. E tanta confiança depositamos na sua vitoria que já pensamos em nome que deve designar a nova associação congraçadora: — União Nacional de Educadoras, — cujas iniciais — U. N. E. — simbolizam sugestivamente os sentimentos de confraternidade que devem unir e irmanar o professorado nacional.

O aceite do sacrificio do nome desta

associação que naturalmente muito prezamos, é mais um atestado da nossa boa vontade ante a idéa de fusão das associações de professores, que deseja de todas as maneiras facilitar e ativar.

E essa boa disposição ainda mais se amplia no momento em que recebemos o vosso officio, que tanto vem exaltar e fortalecer a nossa profunda confiança na vitoria dessa idéa. O prestigio da vossa pessoa, geralmente querida e admirada, a influencia imanante do vosso cargo e a força da verdade que nesse instante nos ilumina e nos conduz a um necessario entendimento, proporcionarão, certamente, á idéa de congraçamento o triunfo que ainda não lograra conseguir.

Para esse trabalho de fusão das sociedades de professores e consequente construção da "Casa do Professor", orientada por um claro espirito de harmonia e confraternidade, legitima expressão dos sentimentos da classe dos professores e autonoma em sua vida intima, podeis contar com a nossa colaboração sincera e decidida.

Essa foi a deliberação do Conselho Deliberativo, ontem reunido, extraordinariamente, para tratar do assunto.

Com os protestos do mais alto apreço e elevada consideração,

Maria do Carmo Vidigal P. das Neves,
Presidente.

A Superintendencia Geral de Educação de Saúde e Higiene Escolar no ano de 1936

Elevado ao alto posto de Superintendente Geral de Educação de Saude e Higiene Escolar, ratificação da vontade unanime de seus colegas superintendentes, o Sr. Dr. Annibal Prata vem correspondendo plenamente á confiança tributada á sua capacidade de chefe e dos seus meritos de profissional.

No volume em que dá conta de suas atividades no ano de 1936, compreendem por miudo todas as suas iniciativas e providencias capazes de prestigiar e dar relevo ao serviço que vem dirigindo.

Os mais relevantes problemas de higiene escolar são fiscalizados e propostas as suas soluções compatíveis com o nosso meio e as nossas possibilidades.

A saúde do escolar é sua preocupação maxima; as colonias, os sanatorios, as clinicas, a alimentação, são pontos em que se fixa a sua atenção, lembrando felizes alvitres.

E' seu mais intenso desejo submeter os escolares a um exame de nutrição, valendo do indice A C H e do metodo Kaup, completados com o exame radioscopico, processo do Dr. Manuel Abreu, obtida a fotografia da imagem radioscopica dos pulmões, pratica rapida e de preço modicissimo.

A questão da colisão de dispositivos dos regulamentos federal e municipal quanto á profilaxia das doenças infecto-contagiosas, o que tem ocasionado os mais variados inconvenientes, merece ainda a sua sollicita atenção.

A sua atuação junto ao chefe dos serviços dos centros de saúde do Departamento da Saúde Publica logrou o mais absoluto exito de maneira que os escolares encontram hoje, nesses postos, a acolhida mais franca.

Não acompanhamos pari-passu o seu trabalho; essas notas são um ligeiro registro para realçar a atividade diligente de um administrador.

Acentuamos ao par dessas iniciativas a firmeza com que o chefe defende os interesses de seus colaboradores, de modo seguro e uniforme, sem promessas fallazes.

Receba o Sr. Dr. Annibal Prata os nossos calorosos aplausos pelo trabalho realizado e tão bem documentado em seu relatório, mais uma prova de seu reconhecido valor, se de provas ainda precisasse.

Os Retardados

ALBERT EDWARD WIGGAM

(Autor de «*The Marks of an Educated Man*»,
«*The Fruit of the Family Tree*», etc.)

(Tradução de YELVA VIEITAS)

Certo dia, um tímido menino de 11 anos entrou no consultório da Dra. Grace Fernald, psicologista em Los Angeles, e entregou-lhe uma nota de uma das escolas públicas da cidade, pedindo-lhe um certificado official de que o menino tinha um cerebro fraco e que deveria ser enviado para uma escola de anormaes. Dr. Fernald examinou o menino que não podia ler uma unica palavra, mas em tests, em que não figurava a leitura, elle se sahia tão bem quanto as outras crianças. Em vista disto, ella escreveu «normal» em seu cartão e fel-o voltar á escola.

Dentro de uma hora, porém, o menino reapareceu com o mesmo cartão, no qual vinha esse pequeno commentario: «Se julgaes que este menino não é um anormal, experimentae ensinar-lhe qualquer cousa.»

Como Dr. Fernald acceitou este desafio — e como, graças a uma extraordinaria descoberta, ella finalmente ensinou esse «anormal» a ler e reconduziu-o á escola — é o que Prof. Lewis M. Terman, chefe do Departamento de Psychologia na Universidade de Stanford, chama «a mais dramatica coisa que se passa na educação hoje em dia em todo o mundo».

Mais de dous terços das crianças nas escolas falham antes de attingirem á ultima classe. A terça parte ou mesmo a metade desses fracassos são devidos sómente a que essas crianças não conseguem aprender a ler. Não ha, porém, nada errado em seus olhos ou em seus cerebros. Somente 2 de cada 7 rapazes ou moças vão até o fim do curso começado. Muitos desses fracassos são devidos a mesma causa — esses estudantes só conseguem ler com grande difficuldade. Psychologistas competentes calcularam que entre os 10 a 15 milhões de adultos normaes, inteligentes, nos Estados Unidos muitos não conseguem ler absolutamente e outros não podem ler, ou leem muito devagar e sem comprehender. Por esta razão,

somente, esses adultos fracassam em todo lugar em que ha necessidade de leitura.

Essa vasta e continua tragedia humana pode e deve ser evitada.

TODOS PODEM APRENDER A LER FACILMENTE E BEM. Podemos dizer agora isso com confiança, devido a descoberta feita no Departamento de Psychologia da Universidade de California, Los Angeles, pelo Dr. Fernald e sua assistente, Sra. Helena Bass Keller.

Como tantas outras descobertas, em sciencia, essa veio, aparentemente, por accidente. «Por tres longos mezes experimentamos por todos os methodos conhecidos, ensinar qualquer cousa áquelle menino», contou-me Dr. Fernald, porém, não conseguíamos nem que aprendesse a reconhecer seu proprio nome. Elle não podia ler os cartazes ou os letreiros dos bonds. A unica maneira pela qual elle conseguia chegar á Universidade era pelas cores dos carros. Experimentamos cartões brilhantes — cada cartão mostrava uma unica palavra em grandes letras: misturavamos os cartões e mostravamos o mesmo novamente. Mas não adeantava: quantas vezes eu mostrava a palavra ao menino e elle não conseguia reconhecer a mesmo tendo visto pouco antes.

«Um dia mostrei-lhe um cartão com a palavra TERRA.» Immediatamente elle disse «Isto é TERRA. Pensei que fosse um acaso e novamente mostrei-lhe o cartão, e, pela segunda vez, com grande admiração da minha parte, o menino repetiu: «Isto é TERRA». Perguntei-lhe como sabia, e elle respondeu-me: «Eu não sei, sómente sei que é «terra».

Perguntei á minha assistente que haviamos feito com aquella palavra que ainda não tivessesmos feito com outras antes. Ella respondeu-me: «Não sei, apenas acontece que quando, hontem, a Sra. já estava ficando desesperada, escreveu a palavra no quadro e pegando na sua mão, fez com que elle traçasse a palavra com os dedos.»

«Lembrei-me do methodo de Montessori de traçar letras, o qual eu julgo prejudica a creança a aprender as palavras. Então levei o menino para o quadro e novamente fil-o traçar algumas palavras inteiras CASA, MESA, e outras. E descobri que todas as palavras que elle traçara como um todo inteiro, elle conseguia reconhecer depois.

«Enthusiasmadas pela descoberta, começamos a trabalhar firmemente construindo seu vocabulario, e no fim de 5 mezes convidámos seus proprios professores a vir ouvir o «debil mental».

A principio elles recusaram acreditar que elle estivesse lendo. Deram-lhe então livros de anatomia, physiologia, historia, archeologia. Elle leu as difficeis palavras technicas de uma maneira que maravilhou a todos os presentes. E depois desta famosa partida, elle voltou para a mesma escola onde havia sido um fracasso e fez oito classes nos cinco annos seguintes.

Foi um facto de marcar epoca, não só em educação mas na vida de milhões de crianças que seguem pela vida na prisão da ignorancia, e muitos em actuaes prisões porque sua mentalidade estreita fel-os resvalar para o crime. Os que não conseguem ler absolutamente, não são numerosos em nenhuma escola, porém, os que leem pessimamente, por todos os calculos, formam uma quarta parte entre todos os alumnos.

Essas crianças, infelizmente, são consideradas defeituosas. Porém, em vez disso, elles apenas teem seu modo de aprender differente dos outros — technicamente «kinesthetic». Em vez de aprender pelos olhos e ouvidos, elles aprendem pelos seus musculos e nervos. Elles aprendem fazendo e sentindo, com todos os seus sentidos. E assim elles aprendem melhor. Gravam mais o que veem; uma palavra, silabada será sempre correctamente silabada. Eusinada a arithmetica por este metodo, elles parecem sentir o caminho para a solução de um problema como se estivessem agarrando com seus musculos, e, essas crianças vêm a ficar mais habéis em numeros do que em geral as outras.

Desde que Dra. Fernald e Mrs. Keller fizeram essa descoberta, muitos casos desses *kinesthetic* crianças foram enviados para ellas não sómente de Los Angeles, das escolas, mas de todo o mundo. (Por acaso ellas viram que todos esses que *absolutamente não leem* são meninos, porém ha tambem entre as meninas muitas que *quasi nada* conseguem ler. E por uma razão desconhecida a maioria delles

é de crianças canhotas. Todos esses incapazes de ler ou que mal conseguiam fazel-o já antes haviam sido ridicularizados e reprehendidos até que ficavam muito envergonhados de experimentar novamente. Mas Dra. Fernald fez com que todos esses viessem a ler. Um homem, de 38 annos, que nunca tinha sido capaz de ler mais que algumas palavras, ficou tão excitado e lia com tanta constancia que a Dra. Fernald teve que parar de ensinar-lhe durante algum tempo, receiando que elle tivesse algum abalo nervoso.

Uma das curas da Dra. Fernald foi Willie J—, que havia estado na escola de delinquentes como «incorrigivel». Em 5 annos de escola ella não havia aprendido absolutamente nada. Ella podia reconhecer seu proprio nome sómente quando este era escripto *Wm* e assim mesmo só pela linha traçada sob o m. Dra. Fernald indicou a um outro menino da escola publica, como ensinar a Willie pelo methodo de traçar a palavra. Elle o fez tão bem, que Willie cursou 3 classes em 3 mezes. Foi mandado para sua cidade natal e veio a ser um dos melhores alumnos da escola, em vez de seguir numa carreira de vadiagem e provavelmente do crime.

Eu posso melhor relatar o methodo da Dra. Fernald fallando-vos sobre um rapaz que acompanhei seguindo o curso. Um menino de 17 annos chamado Donald. Elle tinha tido tutores particulares e havia estado em escolas durante 11 annos, mas *nada* havia aprendido. Não podia empregar-se porque não conseguia ler facturas, preços ou etiquetas.

Antes de tudo Dra. Fernald fez-lhe responder a um test de intelligencia que mostrou ser sua mentalidade acima da normal. Depois disse-lhe: «Nós temos um modo de ensinar-lhe a ler e aprender tão bem como qualquer pessoa» NINGUEM FALHA. Em que está Você mais interessado?» Donald immediatamente respondeu «Serviço Secreto» Dra. Fernald escreveu as palavras SERVIÇO SECRETO em letras de 8 cm. de altura. Donald traçou-as com seus dedos talvez 50 vezes e foi encorajado a pensar a palavra e dizel-a acompanhando os dedos—syllaba por syllaba — repetindo a palavra inteira no fim.

Finalmente, Donald estava prompto para experimentar escrever as palavras, e o papel modelo foi retirado. A principio elle escreveu «Sro. Serto». Dra. Fernald exclamou «Optimo!» Então deu-lhe o modelo novamente. Elle traçou-o innumeras vezes. Em 3 horas, mais ou menos, Donald escreveu *perfeita-*

juga-se a acção do calor com a da pressão. Alguns líquidos são esterilizados por filtração em velas de porcelana, de celulose, de terra de infusórios de amianto velas cujos poros não deixam passar os germes.

Líquidos ou substâncias que não têm de ser bebidos costumam ser esterilizados por meio de agentes químicos, os antisépticos, por exemplo o cloro e substâncias que podem produzi-lo, como os hipocloritos; o iodo, a água oxigenada, o cloreto mercúrico, o fenol...

Emprega-se muito hoje o cloro para esterilizar a água de piscinas e até para esterilizar a água que tem de ser bebida.

Na esterilização da água de piscinas tem êle a desvantagem de irritar as mucosas e às vezes de inflamá-las. São comuns as conjuntivites em quem toma banho em água fortemente clorada. Mas todo o assunto de esterilização, aqui dado muito a flor, será exposto em curso adiantado.

Alguns microorganismos, notadamente cogumelos cientificamente chamados «*Saccharomyces cerevisiae*» transformam certos açúcares em álcool etílico e óxido carbônico... e a transformação é chamada fermentação alcoólica. Há outras fermentações como a láctica, a butírica etc... que serão examinadas noutro curso. Da «Química da vida cotidiana» do Professor Pedro A. Pinto, transcrevo estas palavras, relativas à coalhada:

«Produto que se obtém pela coagulação do leite espontânea ou provocada pela adição de fermento lácticos. Êsses transformam o caseína e os sais em pasta branca, azêda, que fica num líquido ácido, amarelado, transparente, o sôro. Usa-se com açúcar e, há alguns anos, esteve seu uso muito em voga, porque um grande biólogo a preconizara como capaz de corrigir o envenenamento quase contínuo a que está o homem sujeito pela fermentação pútrida intestinal. Também foi usada aqui, mas está para assim dizer em esquecimento a coalhada dos Balcans ou *yogourte* obtida pela coagulação do leite concentrado, resfriado e coalhado á custa do fermento búlgaro» (pág. n. 66).

Fabrico do pão: Pão sem qualificativo é o de farinha de trigo. E' o trigo uã graminácea, cientificamente chamada «*Triticum sativum*» do qual há muitas variedades que serão estudadas na cadeia cha-

mada defeituosamente História Natural.

No fabrico do pão, há varios tempos —preparação e fermentação da massa, cocção...

E' a massa formada de farinha de trigo, água, sal e fermento. Nas velhas padarias coloca-se a farinha numa caixa dita a amassadeira; depois o padeiro faz em a espessura da farinha uma cavidade, onde lança água, sal e fermento... e, com os braços bate, durante certo tempo a massa até que fique homogênea. Conseguida a homogeneidade é a massa dividida em pães, que são colocados numa folha metálica, fôlha de Flandres e levados ao forno. O desprendimento de óxido carbônico (gás carbônico) faz que a massa se torne fôlha, que cresça.

O amilo da farinha se transmuda em glicose, por fenômeno chamado hidrólise e a glicose sob a acção do fermento, dá o óxido carbônico que vae tornar a a massa roufa.

Faz se a cocção do pão em forno aquecido a 300 graus centesimais. A temperatura á superfície do pão não vai além de 200 graus centesimais e a porção assim aquecida constitue o miolo do pão rico de água, menos agradável de comer pouco nutritivo.

Hoje, as grandes padarias, substituem o braço do padeiro por maquinismos, em regra acionados pela electricidade, e o aquecimento outrora feito por lenha, é feito hoje por carvão de madeira, de hulha e em alguns centros adiantados, por electricidade.

—Há outros pães como o de farinha de centeio, o mixto de trigo e centeio, o de farinha de trigo e de mandioca...

Vinagres—«Produtos de transformação dos vinhos, e encerram as mesmas substâncias que neles se encontram excepto o álcool etílico. Êste, pela fermentação a custa de cogumelos, notadamente do «*Micoderma aceti*», se transmuda em ácido acético. Oxida-se o álcool etílico, passando a aldeído depois a ácido acético.

Contém um bom tipo de vinagre natural obtido por fermentação, de 4 a 6 % de ácido acético. Varia sua côr com a do vinho de que precede; vinho branco dá vinagre branco, vinho tinto vinagre tinto...

O sabor é azêdo e o cheiro é especial, próprio, conhecido e agradável a quem tenha palato normal. A indústria fabrica vinagres artificiais, soluções coradas

de ácido acético muita vez grosseiramente impuro...»

(Da Química na vida cotidiana do Prof. Pedro A. Pinto. Pág. n. 94).

Alcool. O amilo e a sacarose que existem em grande número de vegetais podem transforma-se em glicose a custa de fermentos e a glicose, ainda custa de fermentos transmuda-se em substância chamada *álcool*, nome que é de uma formação onde há muitas substâncias, como o álcool metílico, etílico etc... Na linguagem comum, álcool, sem qualificativo, é álcool etílico, também chamado álcool vínico, álcool ordinario, espírito de vinho...

Entre nós é êle obtido da cana-de-açúcar.

O açúcar também chamado sacarose transforma-se por fermentação em glicose e esta em álcool que se obtém por destilação.

Puro é liquido incolor, de cheiro próprio, inflamável com chama azulada. Mistura-se com a água é dito álcool absoluto, álcool a 100 graus centesimais.

Noutra série dar se-ão os alcoômetros, a alcoometria. Produtos de destilação de líquidos fermentados de grau alcoólico entre 38 e 78 são ditos aguardentes, de que agora não trataremos. Uma aguardente de vinho de grau alcoólico entre 47 e 54 graus é chamado *conhaque* e uma de grau alcoólico entre 72 e 78, obtida pela destilação do melaço é dita *rum*. Adiante, noutra cadeia estudar-se-ão essas aguardentes e outras, bem como certas bebidas alcoólicas e haverá oportunidade de ver-se o seu elevadissimo grau de nocividade que não se limita a quem bebe—vai aos filhos, aos netos. Ver-se-á que o alcoolismo é um dos maiores flagelos que assolam a humanidade.

Fecho com palavras de um grande médico, brasileiro, santo e sábio, honra de nosso tempo, glória de nossa raça:

«Que mal faz o álcool no organismo humano?»

«Todo; não há órgão que êle poupe, não há célula que lhe resista, tudo queima por onde passa, a começar pelos lábios, que se tornam beicarras, luzídios, belfios, arredondados; todos os tecidos vai alterando indistintamente e produzindo esteatoses múltiplas; mas, se um aparelho da economia se tivesse de designar como o preferido pelas devastações dêsse tóxico—êste seria o sistema nervoso. No orga-

nismo virgem de álcool fácil é surpreender esta preferência; a quantidade do tóxico ingerido não chegou para se traduzir por sintomas em nenhum outro departamento, mas os fenômenos nervosos e propriamente psíquico se revelam logo, diferentes, segundo os indivíduos, mas desde a primeira libação. As que se seguem só acentuam estas diferenças, fixando-as e afixando-lhes um rótulo discriminativo—o vinho alegre de uns, o triste de outros, o agressivo, o provocador, o oratório, o patriótico, o libidinoso. Se uma polinevrite se apresenta em cena, essa terminará pela confusão mental; se uma doença aguda irrompe, ás manifestações cerebrais, sôbre tudo delirantes, assomam o primeiro lugar no quadro clínico.

Daí resulta que o viciado não tem caracter no sentido filosófico da expressão—caracter é a consciência vigilante, e o álcool tira a consciência, tanto que é em Medicina legal uma dirimente ou uma agravante; caracter é a substância mesma de cada um e o álcool a dissolve; o caracter é o traço da creatura que a torna sempre igual a si mesma em qualquer situação e o alcoólico é cêra inconsciente e amoldável.

O alcoolatra suicida-se porque dispondo da sua vida a destrôe, aos poucos na plenitude de seu direito; porém, procreia filhos degenerados, aonde não vai o seu direito. A prole dos alcoólicos é uma prole de alcoólicos, já então com os estigmas da degeneração psíquica e somática, a germinar a seu turno degenerados de tôda a sorte. E' a família alcoólica, a famia dos bebedores, com as suas variantes—beberricos, beberrotos, bêbedos, bebrerazes, bebrerões, entremeiados de epilêpticos, imbecis, loucos e criminosos.»

São ainda palavras do grande e saudoso compatriota:

«Foi meditando nessas cousas que o Congresso Internacional de Eugenia, de Londres, de Magnon exclamava». Flagelo tremendo para o indivíduo que atira no asilo, no hospital ou na prisão, o alcoolismo é para a cidade um pesado fardo. Com que enormes despesas arca anualmente a coletividade com a criação e custeio dêstes serviços? E quem paga a degenerescência da raça? E os sofrimentos que êle espalha? E as lágrimas que faz brotar?»

Miguel Couto. A medicina e a cultura. Pág. n. 134. 1932).

* * *

Miguel Couto nasceu nesta cidade aos 11 de Março de 1864 e nela faleceu aos 6 de Junho de 1934.

Formou-se em Medicina, pela nossa Faculdade, em 1885, e para seu corpo docente entrou, como professor substituto, após memorável concurso, em 1898. Foi promovido a catedrático em 1901. Meu mestre Pedro A. Pinto, fervoroso devoto de Miguel Couto, escreveu estas palavras, em seu diário de classe, no dia 6-6-934.

«Faleceu o professor Miguel Couto. Neste laboratório onde há muitos anos o grande mestre fazia seus trabalhos experimentais, por certo, não se sente menos sua falta, do que há-de sentir-se em todos

os outros departamentos brasileiros de actividade e de sentimento, notadamente na famosa e tradicional 7ª enfermaria, onde pontificou por mais de um quarto de século e onde nêsse longo tempo, diariamente, levantava o coração de seus alunos e de seus doentes, deleitando-os com a grandeza de seu cérebro, superada sòmente pela de seu coração.

Não posso pôr, nesta página, uma frase que traduza a dor que sentin.os com o desaparecimento do grande brasileiro, verdadeiro varão de Plutarco.

Bem dita seja, para todo o sempre, sua santa memória e que eia ilumine nossos corações e nossos cérebros, de modo que possamos intensamente trabalhar pelo engrandecimento moral de nosso Brasil que êle, Couto, amou exemplar e extremamente».

YOLANDA ROVIGATI.

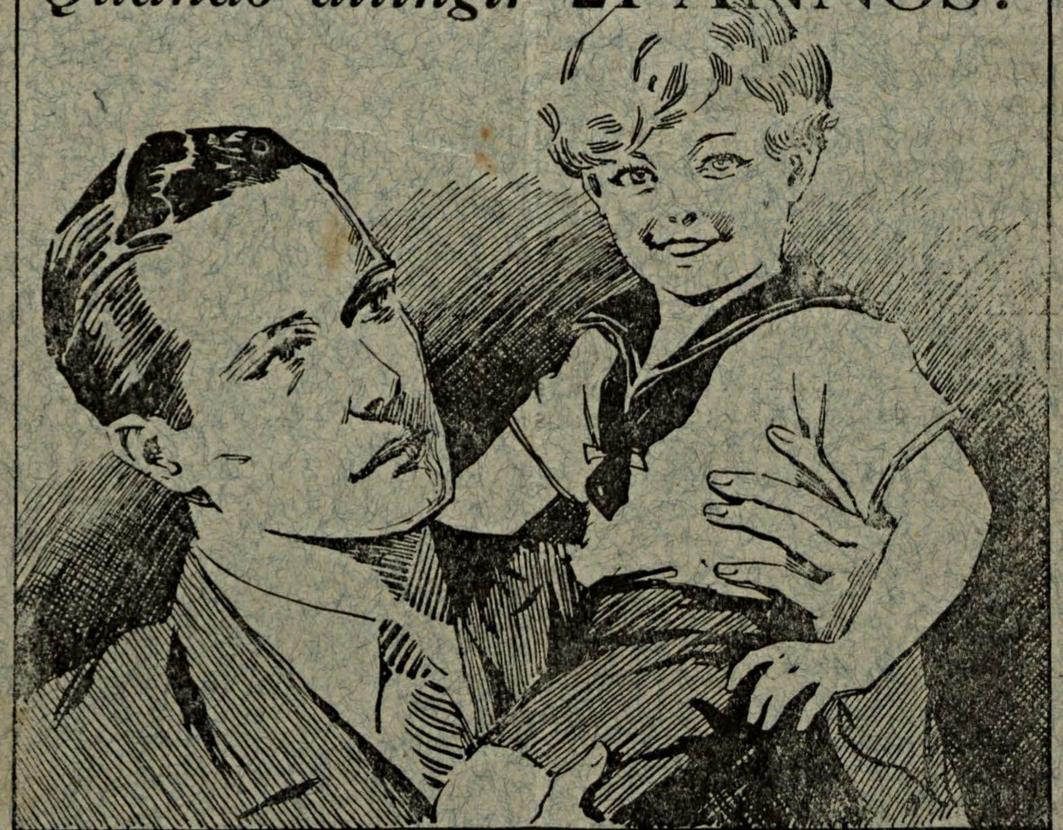
EXPEDIENTE

As assignaturas d'«A Escola Primaria» podem ser tomadas, em qualquer época, pelo preço de 12\$000 por anno para o Districto Federal e para os Estados.

Os pedidos devem vir acompanhados da respectiva importancia e endereçados á Redacção d'«A Escola Primaria» — Rua 7 de Setembro, 174— Rio de Janeiro.

As collecções dos annos anteriores são vendidas na mesma redacção ao preço de 12\$000 cada anno, em avulsos, e 16\$000 em volumes encadernados. Os pedidos de collecções pelo correio deverão vir acompanhados da respectiva importancia e de mais 1\$000, para o registro postal.

Terá elle o mesmo sorriso
Quando attingir 21 ANNOS?



SEU filho tem agora o mais lindo dos sorrisos... Como elle é feliz! Mas, conservará esse mesmo sorriso quando chegar aos 21 annos? Ou sulcos de soffrimento, desillusão, estarão marcados em seu rosto?

Entretanto, o Sr. pôde estar desde já seguro e tranquillo quanto ao futuro de seu filho. Por meio de nova "Apolice de Educação" da "Sul America", o Sr. pôde garantir a continuação de

seus estudos até a phase final, habilitando-o a triumphar na vida.

Por meio da nova "Apolice de Educação", "Sul America" provê os meios indispensaveis para elle estudar; e acompanha o rapaz até a formatura, mesmo quando o Sr. tenha desaparecido. E depois, já formado, aos 21 ou 25 annos, elle recebe o dôte final para iniciar sua carreira. Em um utilissimo folheto estão condensadas todas as informações que o Sr. desejar sobre este assumpto. Recôrte, preencha e remetta o coupon á "Sul America" e um exemplar lhe será entregue em poucos dias.



A' SUL AMERICA

Caixa Postal, 971-R. de Janeiro
3 - DD

Desejo receber — sem obrigação de minha parte — o novo folheto "Como Garantir a Educação dos Filhos".

Nome _____
Rua _____
Cidade _____
E. de Ferro _____



Sul America

Comp. Nacional de Seguros de Vida
Fundada em 1895

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO S. PAULO BELLO HORIZONTE
 Rua do Ouvidor, 166—Rua Libero Badaró, 49, A—Rua da Bahia, 105

PAULO DE AZEVEDO & C. Livreiros Editores e Importadores

HILARIO RIBEIRO		D. RITA DE MACEDO BARRETO	
Cartilha Nacional.....	\$700	Leituras Preparatorias.....	2\$500
2° Livro de Leitura.....	1\$000	1° Livro de Leitura.....	2\$500
3° Livro de Leitura.....	1\$000	2° Livro de Leitura.....	3\$000
4° Livro de Leitura.....	1\$000	3° Livro de Leitura.....	3\$000
THOMAZ GALHARDO		JOÃO RIBEIRO	
Cartilha da Infancia.....	\$700	Autores Contemporaneos.....	5\$000
2° Livro de Leitura.....	1\$500	Selecta Classica.....	6\$000
3° Livro de Leitura.....	2\$500	ASSIS CINTRA	
EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO		Pequenas Historias.....	2\$500
1° Livro de Leitura.....	2\$00 ⁰	O. BILAC e M. BOMFIM	
3° Livro de Leitura.....	2\$50 ⁰	Atravez do Brasil.....	5\$000
4° Livro de Leitura.....	3\$00 ⁰	Leitura complementar.....	5\$000
5° Livro de Leitura.....	4\$00 ⁰	Livro de composição.....	4\$000
6° Livro de Leitura.....	4\$00 ⁰	CARMEN GILL	
SERIE FIGGARI-BARRETO		Instrucção Civica.....	4\$000
1° Livro de Leitura.....	2\$500 ⁰	ALTINA DE FREITAS	
2° Livro de Leitura.....	3\$000	Cartilha.....	2\$000
3° Livro de Leitura.....	3\$000	ANNA CINTRA	
4° Livro de Leitura.....	2\$500	Ensino Completo de Leitura...	1\$500
ARNALDO BARRETO		A. JOVIANO	
Cartilha das Mães.....	1\$200	Primeira Leitura (para crianças)	2\$000
Cartilha Analitica.....	2\$000	Primeira Leitura (para adultos)	2\$000
Primeiras Leituras.....	2\$000	Lingua Patria—1° Livro.....	4\$000
Leituras Moraes.....	2\$000	“ “ —2° Livro.....	5\$000
FRANCISCO VIANNA		“ “ —3° Livro.....	5\$000
Primeiros Passos na Leitura...	1\$500	MARIA DO CARMO P. NEVES	
Cartilha.....	2\$000	Exercicios de Linguagem — (1.,	
Leitura preparatoria.....	2\$500	2° e 3° annos).....	3\$000
1.º Livro de Leitura.....	2\$500	Exercicios de Linguagem—(4° e	
3.º Livro de Leitura.....	3\$000	5° annos).....	3\$000
° Livro de Leitura.....	3\$000	Exercicios de Linguagem —(6° e	
° Livro de Leitura.....	4\$000	7° annos).....	4\$000
JOÃO KOPKE		MANOEL BOMFIM	
1.º Livro de Leitura.....	2\$000	Primeiras Saudades.....	4\$000
2.º Livro de Leitura.....	2\$500	anças e Homens.....	3\$000
3.º Livro de Leitura.....	2\$500	E. DE AMICIS	
4.º Livro de Leitura.....	3\$500	Coração.....	4\$000
Leitura Praticas.....	2\$000	AFRANIO PEIXOTO	
Fabulas (em verso).....	1\$500	Minha Terra e Minha Gente...	4\$000
D. MARIA ROSA RIBEIRO		BILAC e C. NETTO	
Leitura Intermediaria.....	2\$000	Contos Patrios.....	3\$500
Leitura para o 2° anno.....	2\$500	Patria Brasileira.....	3\$500
Leitura para o 3° anno.....	2\$500	Theatro Infantil.....	2\$500
Leitura para o 4° anno.....	3\$000	ALBERTO DE OLIVEIRA	
		Tra Mar.....	4\$00

Remettemos so catalogos

